

TRADUÇÃO

O lírio do campo e o pássaro sob o céu: Três discursos píedosos. Copenhague, 1849 [Tradução do primeiro discurso]

Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen

168

Søren A. Kierkegaard

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

PREFÁCIO²

Espero que este livrinho (que, em vista das circunstâncias em que aparece, me recorda o meu primeiro [livro], e especialmente as primícias do primeiro, o prefácio dos dois discursos edificantes de 1843, publicados imediatamente depois de “Ou-Ou”) recorde a mesma coisa “àquele indivíduo a quem eu chamo com alegria e gratidão de meu leitor”, a saber: “que ele deseja permanecer oculto, como que se escondendo – uma

¹ E-mail: bolivargermano@gmail.com, Orcid: [0000-0002-4175-2108](https://orcid.org/0000-0002-4175-2108)

² Nota do tradutor: É importante ressaltar que esta é a tradução do primeiro discurso de uma série composta por três. Minha tradução segue o texto constante nos *Søren Kierkegaards Skrifter* (version 1.8.1, 2014, abreviatura: SKS) disponível em versão digital no sítio <http://sks.dk/forside/indhold.asp>. A tradução foi feita a partir do texto original em dinamarquês em cotejamento com outras duas traduções: 1) A tradução para o espanhol de Demetrio Gutiérrez Rivero disponível em *Los Lirios del Campo y las Aves del Cielo*, Madrid: Trotta, 2007. 2) A tradução para o inglês de Edna H. Hong e Howard V. Hong disponível em *Without Authority*, Princeton University Press, Princeton: 1997.

florzinha no esconderijo do grande bosque”. É isso que, em vista das circunstâncias, pretende recordar-lhe; e de novo espero que ele recorde, como eu me recordo, o prefácio dos dois discursos edificantes de 1844: “que [este livrinho] é oferecido com a mão direita” – em contraste com as [obras] dos pseudônimos, que se entregaram e se entregam com a esquerda.

5 de maio de 1849.

S.K.

PRECE

Pai celeste! O que é tão difícil de conhecer na companhia dos homens, especialmente em meio ao tumulto humano, e o que, se se conheceu em outro lugar, é facilmente esquecido na companhia dos homens, e especialmente no tumulto humano – o que é ser homem, e quão divina é a exigência de ser homem: que o aprendamos ou, se tivermos esquecido, que aprendamos novamente com o lírio e o pássaro; que aprendamos, se não tudo de uma só vez, ao menos alguma coisa, pouco a pouco; que desta vez aprendamos do lírio e do pássaro: silêncio, obediência e alegria³.

EVANGELHO DO 15º DOMINGO APÓS A TRINDADE

“Ninguém pode ser escravo de dois senhores. Ou odiará um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir como escravos a Deus e ao dinheiro. Por isto vos digo: não vos preocupeis a respeito da vossa vida sobre o que comereis e bebereis, nem a respeito do vosso corpo sobre o que vestireis. Não é a vida mais do que comida? Não é o corpo mais do que roupa? Olhai para as aves do céu: é que elas não semeiam nem ceifam nem recolhem para os celeiros. E o vosso Pai, o celeste, alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? Quem de vós, pelo fato de estar preocupado [com isso], consegue aumentar um côvado à duração da sua vida? E preocupai-vos com roupa? Examinai de perto os lírios do campo como crescem! Não trabalham nem fiam. Digo-vos que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e a amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, gente de pouca fé! Não vos preocupeis, dizendo: ‘que comeremos?’ ou ‘que beberemos?’ ou ‘que vestiremos?’ Todas essas coisas os pagãos procuram. Sabe o Pai vosso, o celeste, que tendes necessidade dessas coisas todas. Procurai, antes, primeiro o reino de Deus e a justiça d’Ele; e todas essas coisas vos serão dadas. Não vos preocupeis

³ Silêncio, obediência e alegria são os temas dos três discursos respectivamente. Aqui apresentamos apenas o discurso sobre o silêncio (N. do T.).

com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã preocupar-se-á consigo mesmo. Basta ao dia [de hoje] o mal que lhe pertence” (Mat 6, 24-34)⁴.

I

“Olhai as aves do céu; contemplai o lírio do campo”

Mas talvez digas com o “poeta”, e te atraí muitíssimo ouvir o poeta falar assim: oh, quisera eu fosse um pássaro, ou quisera ser como um pássaro, como o pássaro livre que, com desejo viajante, voa muito, muito além do mar e da terra, tão próximo do céu, até o mais longínquo rincão – ai, eu que apenas me sinto cativo, e de novo cativo, cravado no lugar – [lugar] que os cuidados, sofrimentos e tribulações me designam como morada, e para toda a vida! Oh, quisera eu fosse um pássaro, ou quisera ser como um pássaro, que mais leve que toda a gravidade se eleva no ar, mais leve que o ar, oh, quisera ser como o pássaro leve, que ao buscar um ponto de apoio, constrói seu ninho mesmo na superfície do mar – ai, eu, para quem até mesmo o menor movimento, um mero mover-me, me faz sentir o peso que cai sobre mim! Oh, quisera eu fosse um pássaro, ou quisera ser como um pássaro, livre de todas as considerações, como o passarinho canoro, que canta humildemente, ainda que ninguém o ouça, ou que – canta orgulhosamente, ainda que ninguém o ouça: ai, eu que não tenho nem um instante nem nada para mim mesmo, dividido no serviço a mil considerações! Oh, quisera eu fosse uma flor, ou quisera ser como uma flor do campo, felizmente enamorado de mim mesmo e nada mais – ai, eu, que sinto em meu coração essa discórdia do coração humano, que nem é capaz de romper com tudo egoisticamente, nem é capaz de sacrificar tudo amorosamente!

Assim o “poeta”. Ao ouvi-lo vagamente, parece que quase está dizendo o que diz o Evangelho, já que decerto ele elogia com as mais fortes expressões a fortuna dos pássaros e dos lírios. Mas continua ouvindo: “Sendo assim, não está longe de ser como que uma crueldade da parte do Evangelho exaltar o lírio e o pássaro e dizer: tu deves ser assim – ai, eu, em que esse desejo é tão sincero, tão sincero, tão sincero, ‘oh, quisera eu fosse como um pássaro sob o céu, como um lírio no campo’. Mas que eu possa ser assim, é certamente uma impossibilidade; e é exatamente por isso que o desejo em mim é tão íntimo, tão melancólico, tão ardente. Quão cruel então é o Evangelho ao falar assim comigo, como que me forçando a perder o entendimento: que eu *deva* ser o que eu sinto profundamente, tal qual o desejo que está em mim, que eu não sou e que não posso vir a ser. Eu não posso

170

⁴ Esta passagem dos Evangelhos serve de motivo para os três discursos piedosos de Kierkegaard. O texto original traz os versículos do Evangelho de Mateus transcritos na íntegra. Optamos por reproduzir a passagem segundo a versão em português do Novo Testamento realizada por Frederico Lourenço (*Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017).

entender o Evangelho; há entre nós uma diferença de linguagem tal que, se eu tivesse que entendê-lo, matar-me-ia”.

E assim acontece constantemente com o “poeta” em relação ao Evangelho, o que ocorre igualmente em relação ao discurso evangélico sobre o tornar-se criança. “Oh, quisera eu fosse uma criança”, diz o poeta, “ou quisera ser como uma criança”, “ah, uma criança inocente e alegre” – ai, eu que cedo me fiz velho, culpado e lúgubre.

Estranho! Pois é justo dizer que o poeta é uma criança. E, no entanto, o poeta não pode se entender com o Evangelho. Pois a razão da vida do poeta reside propriamente no desespero de poder se tornar aquilo que ele deseja; e esse desespero engendra o desejo. Mas “desejo” é a invenção do desalento. Pois é verdade que o desejo alenta por um instante, porém, sondando mais de perto, vê-se que ele não alenta; e por isso dizemos que o desejo é o alento que o desalento inventa. Peculiar autocontradição! Sim, mas também essa autocontradição é o poeta. O poeta é o filho da dor, a quem o pai chama, contudo, de filho da alegria. Na dor nasce o desejo no poeta; e esse desejo, esse desejo ardente agrada o coração do homem mais do que o vinho o regozija, mais do que o primeiro broto da primavera, mais do que a primeira estrela, quando alguém, cansado do dia, saúda a noite com alegria e anelo, mais do que a última estrela no céu, da qual alguém se despede ao amanhecer. O poeta é filho da eternidade, mas carece da seriedade da eternidade. Quando pensa no pássaro e no lírio, põe-se a chorar; no pranto, encontra alívio para tudo o que chora, então nasce o “desejo” e, com a eloquência do desejo [lamenta]: oh, quisera eu fosse um pássaro, como o pássaro sobre o qual li quando criança, no livro de ilustrações; oh, quisera eu fosse uma flor do campo, como a flor que havia no jardim de minha mãe. Mas caso se lhe dissesse com o Evangelho: isto é sério, é exatamente a seriedade que faz do pássaro seriamente um mestre, então o poeta teria que rir – e faria um gracejo tão espirituoso com o pássaro e com o lírio que levaria todo mundo a rir, até o homem mais sério que já viveu; mas ele não pode demover o Evangelho para tal. O Evangelho é tão sério que toda a nostalgia do poeta não o altera, como altera até mesmo o homem mais sério, que por um instante cede, introduz-se no pensamento do poeta, suspira com ele e diz: meu caro, é realmente uma impossibilidade para você! Sim, tampouco me atrevo a dizer “tu deves”; mas o Evangelho ousa ordenar ao poeta que ele *deve* ser como o pássaro. E tão sério é o Evangelho que a mais irresistível invenção do poeta não consegue arrancar-lhe um sorriso.

Tu “deves” te tornar criança novamente, e para tanto, ou para tal fim deves começar por poder e querer compreender essa palavra, que está como que destinada à criança e que qualquer criança compreende, essa palavra que deves compreender como a criança a compreende: tu *deves*. A criança não pergunta nunca pelas razões, a criança não se atreve, a criança nem precisa disso – e uma coisa corresponde à outra: justamente porque a criança não se atreve, por isso mesmo ela não precisa perguntar pelas razões; pois para a

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Toledo, v. 5, n.º 2 (2022), p. 168-180

criança já é razão suficiente o fato de que se *deve*, sim, todas as razões juntas não seriam, nessa medida, razão suficiente para a criança. E a criança nunca diz: eu não posso. Ela não ousa, e isto tampouco é verdade – uma coisa corresponde totalmente à outra: precisamente porque a criança não ousa dizer “eu não posso”, por isso mesmo não é verdade que não possa, e por isso se manifesta que a verdade é que ela pode, pois é impossível que não possa quando não se ousa outra coisa, nada é mais seguro – trata-se apenas de mostrar que não se pode fazer outra coisa. E a criança nunca procura desculpa ou escapatória; pois a criança entende com uma certeza terrível que não há desculpa ou escapatória porque não há para ela nenhum esconderijo, nem no céu, nem na terra, nem na sala de estar, nem no jardim, onde possa esconder-se desse “tu deves”. E quando se está convencido de que não existe tal esconderijo, então tampouco há qualquer escapatória ou desculpa. E quando se sabe, com uma terrível certeza, que não há escapatória ou desculpa – então naturalmente deixa-se de encontrá-las, já que o que não existe não pode ser encontrado – mas também se deixa de procurá-las; e então se faz o que se deve. E a criança tampouco precisa de longas deliberações; pois quando se deve, e talvez imediatamente, então não há qualquer oportunidade para deliberação; e mesmo que este não fosse o caso, quando se deve – sim, ainda que lhe dessem uma eternidade para deliberar, a criança não precisaria disso, a criança diria: para que todo esse tempo se eu, contudo, devo? E tivesse a criança esse tempo, então o usaria de outras maneiras, para brincar, alegrar-se e coisas afins; pois a criança deve, a criança deve, isto é coisa fixa, e não tem absolutamente nada que ver com as deliberações.

Agora, segundo a seriedade da indicação do Evangelho, consideremos com seriedade o lírio e o pássaro como mestres. Com seriedade, pois o evangelho não é tão excessivamente espiritual que não possa lançar mão do lírio e do pássaro; mas também não é tão terreno que só possa considerar o lírio e o pássaro com nostalgia, ou com um sorriso.

Do lírio e do pássaro, como mestres, aprendamos
silêncio, ou aprendamos a calar.

Pois decerto que é a linguagem que faz com que o homem se destaque acima do animal, e assim, se alguém o desejar, mais ainda acima do lírio. Mas, do fato de que é uma vantagem poder falar, não se segue que não deva ser uma arte o poder calar, ou que deva ser uma arte inferior; pelo contrário, precisamente porque o homem pode falar, justamente por isso é uma arte poder calar, e exatamente porque essa sua vantagem tão facilmente o tenta, por isso mesmo é uma grande arte poder se calar.

“Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça.”

Mas o que isso significa? O que eu devo fazer, ou que empenho é esse sobre o qual se pode dizer que se busca, que se aspira ao reino de Deus? Devo buscar um trabalho que corresponda às minhas habilidades e forças, para atuar nele? Não, tu deves *primeiro* buscar o reino de Deus. Devo dar toda a minha fortuna aos pobres? Não, *primeiro* tu deves buscar o reino de Deus. Devo então sair e anunciar essa doutrina no mundo? Não, tu deves *primeiro* buscar o reino de Deus. Mas então, em certo sentido, eu não devo fazer nada? Sim, de fato, em certo sentido não é nada; no mais profundo sentido da palavra, tu deves fazer a ti mesmo nada, tornar-te nada diante de Deus, aprender a calar; nesse silêncio está o começo que consiste em buscar *primeiro* o reino de Deus.

Deste modo, piedosamente, se chega ao começo, em certo sentido, retrocedendo. O começo não é aquilo com que se começa, mas aquilo a que se chega; e se chega retrocedendo até ele. O começo é a arte de *tornar-se* silencioso; pois ser silencioso como a natureza não é arte nenhuma. E dessa maneira, tornar-se silencioso no sentido mais profundo, silencioso diante de Deus, é o começo do temor a Deus; pois como o temor a Deus é o começo da sabedoria, então o silêncio é o começo do temor a Deus. E como o temor a Deus é mais do que o começo da sabedoria, é “sabedoria”, assim também o silêncio é mais que o começo do temor a Deus, é “temor a Deus”. Nesse silêncio, em temor a Deus, emudecem os muitos pensamentos do desejo e do anseio; nesse silêncio, em temor a Deus, emudece a loquacidade da ação de graças.

A vantagem do homem sobre o animal é a de ser capaz de falar; mas em relação a Deus, pode facilmente tornar-se uma perdição para o homem que ele possa e queira falar. Deus está nos céus, o homem na terra: por isso eles não podem dialogar bem. Deus é onisciência, o que o homem sabe é palavreado vão: por isso não podem dialogar bem. Deus é amor, o homem, até mesmo no que diz respeito ao seu próprio bem, é, como se diz para uma criança, um bobo: por isso não podem dialogar bem. Só com muito temor e tremor o homem pode falar com Deus; com muito temor e tremor. Mas falar com muito temor e tremor é difícil por outra razão: pois assim como a angústia embarga fisicamente a voz, assim também o muito temor e tremor faz a linguagem emudecer em silêncio. Nisso se conhece a oração correta; e quem não orou corretamente, talvez tenha aprendido justamente isso em oração. Havia algo que trazia muito em mente, um assunto que era tão importante para ele que o impelia a fazer-se compreensível para Deus, e temia que na oração pudesse esquecer-se de algo, ai, e se ele tivesse esquecido disso! Tanto que temia que o próprio Deus por si só não se lembrasse disso: por esse motivo ele queria concentrar a sua mente para orar com a devida interioridade. E o que aconteceu com ele, se de fato orou interiormente? Aconteceu-lhe uma coisa maravilhosa; na medida em que se tornava mais e mais interiorizado na oração, ele tinha menos e menos para dizer, até finalmente tornar-se completamente calado. Tornou-se silencioso, sim, ou o que possivelmente é ainda mais contrário ao falar do que o silêncio: tornou-se um ouvinte. Antes ele acreditava

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Toledo, v. 5, n.º 2 (2022), p. 168-180

que orar era falar; agora aprendeu que orar não é apenas fazer silêncio, mas ouvir. E realmente é assim; orar não é escutar a si mesmo falando, mas chegar a calar-se e, permanecendo calado, orar, até que o orante ouça a Deus.

Sendo assim, as palavras do Evangelho, buscai *primeiro* o reino de Deus, educam o homem como que lhe fechando a boca, respondendo a cada pergunta que ele faz sobre se é isto que deve fazer: não, tu deves *primeiro* buscar o reino de Deus. E por isso pode-se parafrasear assim as palavras do evangelho: tu deves começar orando, não como se – o que já temos mostrado – a oração sempre começasse com o silêncio, mas porque quando a oração se torna prece, então ela se torna silêncio. Buscai primeiro o reino de Deus, quer dizer: ora! Se tu perguntas, sim, se atravessas todos os questionamentos particulares perguntando: é isso que eu devo fazer e, quando o faço, é isso então buscar o reino de Deus? Aí deve ser respondido: não, tu deves primeiro buscar o reino de Deus. Mas orar, quer dizer, orar genuinamente, é tornar-se silencioso, e isso é buscar primeiro o reino de Deus.

Esse silêncio tu podes aprender junto do lírio e do pássaro. Quer dizer que o silêncio deles não é arte nenhuma, mas quanto te tornas silencioso como o lírio e o pássaro, aí estás no começo, que consiste em primeiro buscar o reino de Deus.

Quão solene não é lá fora, sob o céu de Deus, junto ao lírio e ao pássaro, e por quê? Pergunte ao “poeta”; ele responde: porque há silêncio. E ele anseia por este silêncio solene, longe da mundanidade do mundo dos homens, onde há tanto discurso, longe de toda a mundana vida humana, o que apenas prova de maneira lamentável que o homem se destaca sobre os animais pela linguagem. “Pois”, dirá o poeta, “se é isso se destacar, não, eu prefiro muito mais o silêncio lá fora; eu o prefiro, não, não há comparação, esse silêncio destaca-se infinitamente em relação aos homens capazes de falar”. No silêncio da natureza o poeta pensa captar a voz da divindade; pensa que no falar agitado dos homens, não só não se capta a voz divina, mas nem mesmo se percebe que o ser humano está em parentesco com a divindade. Diz o poeta: a linguagem é a vantagem do homem sobre o animal, sim, de fato – desde que seja capaz de *calar-se*.

Mas ser capaz de calar-se, isso tu podes aprender lá fora, junto ao lírio e ao pássaro, onde há silêncio e também algo divino nesse silêncio. Ali fora há silêncio; e não somente quanto tudo se cala na noite silenciosa, mas também durante o dia, quando as mil cordas estão vibrando e tudo é como um mar de som, há ainda silêncio lá fora: cada uma faz [sua parte] tão bem que nenhuma delas, nem todas juntas, rompem com o silêncio solene. Ali fora há silêncio. A floresta está em silêncio; mesmo quando sussurra é silenciosa. Pois as árvores, mesmo quando se adensam em quantidade, mantêm a palavra, coisa que os seres humanos muito raramente mantêm, apesar da promessa dada de que “isso ficará entre nós”. O mar está em silêncio; mesmo quando se enfurece ruidoso, é contudo silencioso. Em um primeiro momento talvez escutes errado e ouças que ele faz barulho. Caso te apresses e te deixes levar por essa impressão, fazes injustiça ao mar. Se, por outro lado, dedicas tempo e escutas com atenção, então tu escutas – maravilhoso! – tu escutas o

silêncio; pois a uniformidade também é silêncio. Quando o silêncio da tarde repousa sobre a paisagem, e tu desde o prado ouves o mugido distante; ou longe da casa da fazenda ouves a voz doméstica do cachorro: então não se pode dizer que esse mugido ou essa voz perturbem o silêncio, não, eles fazem parte do silêncio, e misteriosamente, na medida em que entram em tácito acordo com o silêncio, eles o aumentam.

Contemplemos agora mais de perto o lírio e o pássaro, dos quais nós devemos aprender. O pássaro cala e espera: ele sabe, ou melhor, ele acredita plena e firmemente que tudo acontece em seu devido tempo, por isso o pássaro espera; sabe que não lhe compete conhecer o dia ou a hora, por isso cala. Certamente isso vai acontecer em um tempo oportuno, diz o pássaro, mas não, o pássaro não diz isso, ele cala; mas seu silêncio é eloquente, seu silêncio diz que ele crê nisso, e porque crê nisso, logo cala e espera. Quando então chega o instante, o pássaro silencioso entende que este é o instante; serve-se dele e nunca fica desapontado. O mesmo acontece com o lírio, que cala e espera. Não pergunta impaciente: “quando chegará a primavera?”, pois ele sabe que ela chegará em tempo oportuno, e sabe que seria de pouco proveito que se lhe fosse permitido determinar as estações do ano; tampouco diz “quando nos virá a chuva?”, ou “quando nos virá o sol”, ou “agora temos chuva demais”, ou “agora faz muito calor”; não pergunta de antemão como será o verão este ano, quão longo ou quão curto: não, ele cala e espera – tão simples ele é, e no entanto nunca foi enganado, o que só pode acontecer com a sagacidade, não com a simplicidade, que nem engana nem é enganada. Então chega o instante, e quando o instante chega, o lírio silencioso entende que este é o instante, e o aproveita. Oh, profundos mestres da simplicidade! Não seria também possível, falando, encontrar o “instante”? Não, só calando se encontra o instante; quando se fala, basta que se diga uma só palavra, perde-se o instante; só no silêncio há instante. E por isso, porque não pode calar, acontece muito raramente que um homem venha a entender corretamente quando se dá o instante, e que assim possa aproveitá-lo devidamente. Ele não pode calar e esperar, daí que se possa explicar que o instante de maneira nenhuma chegue para ele; ele não pode calar, daí que se possa explicar que ele não perceba quando lhe chega o instante. Pois o instante, embora preenhe de seu rico significado, não manda nenhum mensageiro à sua frente para anunciar a sua chegada, para tal ele vem demasiado rápido quando chega, nem um instante antes; nem tampouco vem com barulho e alarde, por mais significativo que seja em si mesmo, não, vem suavemente, com passo mais leve do que o mais leve andar de qualquer criatura, pois vem com o leve passo do repentino, sorrateiramente: por isso é preciso estar completamente em silêncio para poder captar esse “agora está aí”; e no instante seguinte ele já se foi, por isso, deve ter ficado completamente em silêncio aquele que conseguiu aproveitá-lo. E, no entanto, tudo depende do “instante”. E este é certamente o infortúnio ao longo da vida da grande maioria dos homens, que eles nunca

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Toledo, v. 5, n.º 2 (2022), p. 168-180

puderam captar o “instante”, que em sua vida o eterno e o temporal sempre estiveram separados, e por quê? Porque eles não foram capazes de se calar.

O pássaro *cala* e *sofre*. Por maior que seja o seu pesar, ele cala. Mesmo as suas lamentações soturnas no deserto e na solidão calam. Suspira três vezes, depois se cala, suspira novamente três vezes; mas essencialmente cala-se. Pois não diz o que se passa, não se queixa, não acusa ninguém, apenas suspira para novamente voltar a calar-se. É como se o silêncio fosse arrebatá-lo, por isso tem que suspirar, para poder calar. O pássaro não está livre dos sofrimentos; mas o pássaro silencioso está livre daquilo que torna o sofrimento mais pesado: a presença incompreensível dos outros; daquilo que torna o sofrimento mais duradouro: falar demais do sofrimento; daquilo que faz do sofrimento algo ainda pior que o próprio sofrimento: o pecado da impaciência e da melancolia. Pois não penses que é uma mera falsidade do pássaro que ele se cale quando sofre, como se em seu interior, por mais silencioso que pareça para os outros, não se calasse, e se queixasse de seu destino acusando a Deus e aos homens e deixando “o coração pecar na aflição”. Não, o pássaro cala e sofre. Ai, o homem não faz isso. Mas, de onde vem que o sofrimento humano, em comparação com o do pássaro, pareça tão terrível? Acaso não provém do fato de que o homem possa falar? Não, não provém disso, pois isso é certamente uma vantagem, mas provém do fato de que o homem não possa calar. Realmente não acontece como pensa o impaciente e, de modo ainda mais violento, o desesperado, quando ele – e isso já é abuso da fala e da voz – quando ele fala ou grita: “quisera ter uma voz como a da tempestade para poder expressar todo o meu sofrimento como eu o experimento!” Oh, este seria um recurso miserável que apenas o faria experimentar [o sofrimento] com mais força. Não, mas se tu pudesses te calar, se tivesses o silêncio do pássaro, então o sofrimento se tornaria menor.

E assim como o pássaro, também o lírio se cala. Ainda que aguente e sofra enquanto murcha, se cala; esta criança inocente não pode fingir – tampouco precisa disso e é uma felicidade para ele não poder fazê-lo, pois certamente a arte de poder fingir custa muito caro – não pode fingir porque logo muda de cor, de modo que a palidez que assume com essa mudança denuncia que ele sofre; mas ele se cala. Bem que gostaria de se manter erguido, para esconder que sofre, mas não tem forças nem domínio sobre si para tal, sua cabeça vai se curvando e afunda, de modo que o passante – se é que algum passante tem tanta compaixão para reparar nele – o passante entende o que isso significa, isso já fala o suficiente; mas o lírio cala. Assim com o lírio. Mas de onde vem que o sofrimento do homem, comparado com o do lírio, pareça tão terrível? Será porque o lírio não pode falar? Se o lírio pudesse falar e se, neste caso, ai, como acontece com o homem, não tivesse aprendido a arte de calar: acaso o seu sofrimento também não seria terrível? Mas o lírio cala. Pois para o lírio sofrer é sofrer, nem mais nem menos. E justo quando o sofrer não é nem mais nem menos do que sofrer, o sofrimento, tanto quanto possível, é singularizado e simplificado, e se torna assim tão pequeno quanto possível. Menor não pode ser, já que o sofrimento está aí e, por conseguinte, é o que é. Por outro lado, pode se tornar

infinitamente maior quando não se torna precisamente o que é, nem mais nem menos. Quando o sofrimento é o que é, nem mais nem menos, ou seja, quando o sofrimento é determinado, então: ainda que tenha sido o maior sofrimento, será contudo o menor possível. Mas quando se torna indeterminado, quão grande não se torna o sofrimento, se torna ainda maior; essa indeterminação aumenta o sofrimento ilimitadamente. E essa indeterminação emerge exatamente desta ambígua vantagem do homem de ser capaz de falar. Pelo contrário, a determinação do sofrimento, o fato de que não seja nem mais nem menos do que é, só se alcança quando se é capaz de calar; e esse silêncio tu podes aprender do pássaro e do lírio.

Ali fora, junto ao lírio e ao pássaro, há silêncio. Mas o que expressa esse silêncio? Expressa a reverência a Deus, que é Ele quem aconselha, e só a Ele pertencem a sabedoria e o entendimento. E justamente porque esse silêncio é respeito a Deus e, como pode ser na natureza, é adoração, por isso mesmo esse silêncio é tão solene. E porque esse silêncio é tão solene, por isso mesmo percebe-se Deus na natureza – que maravilha quando tudo se cala em reverência a Ele! Ainda que Ele não fale, o fato de tudo se calar em reverência a Ele serve para nós como se Ele falasse.

Pelo contrário, o que nenhum “poeta” pode te ajudar a aprender sobre esse silêncio ali fora, junto ao lírio e ao pássaro, o que apenas o Evangelho pode te ensinar, é que há seriedade, e que deve haver seriedade em que o pássaro e o lírio sejam mestres, que tu debes segui-los e com toda a seriedade aprender com eles que debes tornar-te silencioso como o lírio e o pássaro.

E isso já é de fato seriedade – quando entendida corretamente, não como a entende o poeta sonhador, o poeta que deixa que a natureza sonhe com ele – que tu, ali fora junto ao lírio e ao pássaro, que *tu sintas que estás diante de Deus*, coisa de que com frequência nos esquecemos completamente nas falas e conversas com os outros homens. Pois quando simplesmente conversamos, dois homens juntos, e ainda pior se formos dez ou mais, esquecemo-nos facilmente que tu e eu, nós dois, ou mesmo os dez, estamos diante de Deus. Mas o lírio, que é mestre, é profundo. Não se envolve nem um pouco contigo, se cala, e calando-se exprime para ti que estás diante de Deus, que te lembres de que estás diante de Deus – e que tu também, com seriedade e verdade, debes te tornar silencioso diante de Deus.

E tu *debes* tornar-te silencioso diante de Deus como o lírio e o pássaro. Não debes dizer: “para o lírio e o pássaro é muito fácil calar, afinal eles não podem falar”; não debes dizer isso, no geral não debes dizer nada, não debes fazer a menor tentativa de tornar impossível a instrução [que se dá] em silêncio e, ao invés de calar-te seriamente, confundir o silêncio, tola e disparatadamente, dentro de um discurso, talvez como objeto de uma discussão, de modo que já não exista qualquer silêncio, mas pelo contrário se faça um discurso: um discurso sobre o silenciar. Diante de Deus não debes dar a ti mesmo ar de

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Toledo, v. 5, n.º 2 (2022), p. 168-180

maior importância do que um lírio ou um pássaro – no entanto, quando com seriedade e verdade estiverdes diante de Deus, disso se seguirá aquilo. E ainda que o que almejaste no mundo tenha sido a mais assombrosa façanha: tu deves reconhecer o lírio e o pássaro como teus mestres e, diante de Deus, não querer tomar ar de maior importância que o lírio e o pássaro. E ainda que o mundo não fosse grande o suficiente para acomodar os teus planos quando queres desdobrá-los: tu deves aprender do pássaro e do lírio, como mestres, a reunir com simplicidade todos os teus planos diante de Deus, naquilo que ocupa menos espaço que um ponto e faz menos barulho que a mais insignificante ninharia: no silêncio. E ainda que o que tu sofreste no mundo tenha sido tão doloroso como jamais se pôde experimentar: tu deves reconhecer o lírio e o pássaro como teus mestres e não tomares ar de maior importância do que o lírio e o pássaro em suas pequenas aflições.

Assim acontece quando o evangelho exige seriamente que o pássaro e o lírio sejam mestres. Diferente do que acontece ao poeta ou ao homem que, precisamente porque lhe falta seriedade, em silêncio junto ao lírio e ao pássaro não se torna completamente silencioso – mas se torna poeta. De fato, sabe-se que o discurso do poeta é muito diferente do discurso comum dos homens, tão solene que, comparado ao discurso comum, é quase como o silêncio, mas contudo não é silêncio. O “poeta” tampouco busca o silêncio para chegar a calar, mas pelo contrário, para chegar a falar – como fala um poeta. Lá fora, no silêncio, o poeta sonha com a façanha que ele jamais executará – pois o poeta não é um herói; e então se torna eloquente – e talvez se torne eloquente justamente porque é um amante infeliz da façanha, enquanto o herói é o seu amante feliz; assim, porque a carência o torna eloquente, a perda essencialmente o faz poeta – tornando-o eloquente; e esta sua eloquência é o poema. Lá fora, no silêncio, ele traça grandes planos para transformar e alegrar o mundo inteiro, grandes planos que nunca se tornam realidade – não, eles se tornam poema. Lá fora, no silêncio, quando jaz sobre sua dor, ele deixa tudo – sim, até os mestres, o pássaro e o lírio, têm que servi-lo ao invés de ensiná-lo – ele deixa tudo ecoar a sua dor; e esse eco da dor é o poema, pois um grito, puro e simples, não é um poema, mas o ecoar infinito do grito é em si mesmo o poema.

Portanto o poeta não se torna silencioso no silêncio que há junto ao lírio e ao pássaro. E por quê? Precisamente porque inverte a relação, faz a si mesmo o mais essencial em comparação com o lírio e o pássaro, imagina inclusive que tem o mérito de, como se diz, emprestar a palavra e a linguagem ao pássaro e ao lírio, embora a tarefa fosse a de aprender o silêncio do lírio e do pássaro.

Oh, meu ouvinte, que o evangelho, com a ajuda do lírio e do pássaro, tenha sucesso em te ensinar – e também a mim – a seriedade, e fazer-te completamente silencioso diante de Deus! Que em silêncio chegues a esquecer de ti mesmo, como te chamas, teu próprio nome, o nome famoso, o nome miserável, o nome insignificante, para em silêncio suplicardes a Deus: “Santificado seja o vosso nome!” Que no silêncio te esqueças de ti mesmo, de teus planos, teus grandes e abrangentes planos, ou dos planos limitados a

respeito de tua vida e de teu futuro, para suplicar a Deus em silêncio: “Venha a nós o vosso reino!” Que no silêncio te esqueças de tua própria vontade, de teu capricho, para suplicar a Deus em silêncio: “Seja feita a vossa vontade!” Sim, se tu pudesses aprender do lírio e do pássaro a tornar-te silencioso diante de Deus, quanto o Evangelho não poderia te ajudar? Nada te seria impossível. Mas se com a ajuda do lírio e do pássaro o Evangelho te ensinou apenas o silêncio, em que mais ele poderia te ajudar? Pois, como se disse, o temor a Deus é o começo da sabedoria e o silêncio é o começo do temor a Deus. Diz Salomão: vai ter com a formiga e torna-te sábio; e diz o Evangelho: vai ao pássaro e ao lírio e aprende silêncio.

“Buscai *primeiro* o reino de Deus e a sua justiça”. Mas a expressão de que se busca primeiro o reino de Deus é, de novo, silêncio, um silêncio como o do lírio e do pássaro. O lírio e o pássaro buscam o reino de Deus, nenhuma outra coisa, e todo o resto lhes é acrescentado. Mas, se não buscam nenhuma outra coisa, não buscam primeiro o reino de Deus? Por que então o Evangelho diz: buscai *primeiro* o reino de Deus, como se a sua opinião fosse de que há outra coisa a se buscar depois disso, não obstante seja evidente que a opinião do Evangelho é a de que o reino de Deus é a única coisa que deve ser buscada? Isso se deve ao fato de que é inegável que o reino de Deus só pode ser buscado quando é buscado primeiro; quem não busca primeiro o reino de Deus, não o busca de modo algum. Ademais, isso se deve ao fato de que a capacidade de buscar algo inclui em si a possibilidade de buscar algo outro, e por esse motivo o Evangelho – que até agora é algo estranho ao homem e este, por isso mesmo, também pode buscar outra coisa – diz: debes buscar primeiro o reino de Deus. E finalmente isso se deve ao fato de que o Evangelho, terna e amorosamente condescende com o homem, fala tão suave com ele, para atraí-lo até o bem. Se o Evangelho dissesse prontamente: tu debes buscar única e exclusivamente o reino de Deus; então o homem pensaria que isso é exigir demais dele e, meio impaciente, meio angustiado e temeroso, recuaría. Mas então o Evangelho se adapta um pouco a ele. Aí está o homem com muitas coisas em vista, [coisas] ele deseja buscar – então o Evangelho lhe dirige a palavra e diz: “busca primeiro o reino de Deus”. Então o homem pensa: pois bem, uma vez que tenho a permissão para buscar outras coisas, então me deixe começar buscando primeiro o reino de Deus. Se ele realmente começa dessa maneira, o Evangelho sabe muito bem que o que resultará daí é que ele ficará tão satisfeito e saciado com essa busca que simplesmente se esquecerá de buscar outra coisa, sim, nada desejará menos do que buscar qualquer outra coisa – de modo que agora se torna verdade que ele busca única e exclusivamente o reino de Deus. Assim se comporta o Evangelho, e assim fala certamente o mais velho com a criança. Pensa em uma criança que está com muita fome; enquanto a mãe coloca a comida na mesa e a criança vê o que se dispõe ali, está prestes a chorar de impaciência e dizer: “de que serve esse pouquinho, se depois de comer vou continuar com fome”; talvez a criança fique tão impaciente que nem mesmo

Tradutor

Ramon Bolivar C. Germano

Toledo, v. 5, n.º 2 (2022), p. 168-180

começará a comer, “porque esse pouquinho não pode ajudar em nada”. Mas a mãe, que sabe muito bem que tudo não passa de um mal-entendido, diz: “sim, sim, meu amiguinho, primeiro coma isso, e sempre podemos trazer um pouco mais”. Então a criança se põe a comer, e o que acontece? Fica cheia antes mesmo de comer a metade. Se a mãe prontamente repreendesse a criança e dissesse: “é o bastante, é mais do que suficiente”, nisso não estaria errada, mas com a sua conduta não daria um exemplo da sabedoria propriamente educativa que ela pelo contrário soube demonstrar. O mesmo acontece com o evangelho. O mais importante para o Evangelho não é reprovando e repreendendo; o mais importante para o Evangelho é fazer com que os homens o sigam. Por isso ele diz: “buscai primeiro”. Ao fazê-lo, por assim dizer, tapa a boca de todas as objeções do homem, trazendo-o para o silêncio, e fazendo com que ele realmente comece primeiro com essa busca; e assim essa busca sacia o homem de tal maneira que agora se torna verdade que ele busca única e exclusivamente o reino de Deus.

Busca primeiro o reino de Deus, isto é, torna-te como o lírio e o pássaro, ou seja, torna-te completamente silencioso diante de Deus: assim todo o resto te será acrescentado.

Submetido: 18 de julho de 2022

180

Aceito: 14 de agosto de 2022